

## PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UM RELATO DO PIBID

SILVA Francisco Herbert da <sup>1</sup>

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ailma do Nascimento SILVA<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Herberty\_silva@hotmail.com  
ailmanascimento@yahoo.com.br

**Resumo:** Este estudo consiste em uma pesquisa sobre o ensino de língua portuguesa na Unidade Escolar Santa Inês, credenciada ao PIBIC/UESPI na área de Letras Português, tendo como objetivo descrever e analisar o processo de aquisição das normas ortográficas por alunos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, no período compreendido de março a maio do corrente ano. A pesquisa discute as categorizações para análise de erros ortográficos propostas por autores como Zorzi (1998); Morais (2000) e Bortoni-Ricardo (2006). A amostra da pesquisa é constituída por 29 (vinte e nove) atividades desenvolvidas pelo o subprojeto na área de Letras Português, com ênfase em produções textuais espontâneas dos alunos. A análise realizou-se mediante a comparação do livro didático de língua portuguesa adotado na escola, planejamentos desenvolvidos pela a professora de Língua de portuguesa além de uma entrevista sobre a concepção de língua na visão da docente. Os resultados atestaram que o planejamento da professora está em consonância com as atividades analisadas, porém na perspectiva do ensino de ortografia, mas em relação às variações linguística percebe-se uma deficiência prática ao relacionar oralidade e escrita, ou seja, o ensino de língua materna ainda pouco se considera os aspectos variacionista da língua, tendo como enfoque a metalinguagem.

**Palavras-Chave:** Língua; Erros ortográficos; Categorizações.

---

<sup>1</sup> Aluno do Bloco V do Curso de Letras Português, credenciado ao Núcleo de Pesquisa e Estudos Linguísticos – NUCEL e, do GT de Aquisição Fonológica.

<sup>2</sup> Orientadora da pesquisa e credenciada ao Núcleo de Pesquisa e Estudos Linguísticos – NUCEL e, do GT de Aquisição Fonológica.

## **Introdução**

O ensino de língua portuguesa sofre crítica no que diz respeito o processo metodológico do ensino de língua materna, assim, discutido por Bortoni – Ricardo (2004). Em busca de um melhor desempenho do subprojeto de Letras Português do PIBID/ UESPI, enfatizamos o ensino de língua para uma melhor aplicabilidade de projeto que envolvesse os alunos do 6º e 7º “Ano” do Ensino Fundamental. Diante de todo o levantamento, foi possível traçar um perfil do ensino de língua materna na escola credenciada ao PIBID/UESPI.

Assim, a partir da pesquisa tivemos uma visão panorâmica da concepção de língua da docente, além de analisarmos se os objetivos do planejamento da disciplina estavam de acordo com as metas traçada para o período letivo de 2013, primeiro semestre. O ensino de língua em geral e até mesmo as práticas de ensino da docente da escola ora observada acontece ainda de forma descontextualizada e quando os livros tentam inserir a língua em seu contexto de uso, utilizam exemplo bastante canônico sobre as variações linguísticas. Além disso, o enfoque do ensino língua está nas nomenclaturas gramaticais, às vezes se dá com a utilização de gêneros textuais, mas raramente. A Unidade Escolar Santa Inês, na qual o subprojeto PIBID/UESPI de Letras Português executa suas atividades, o ensino dos elementos linguísticos é abordado mediante a leitura de diversos gêneros textuais e seguido de produção textual e finalmente a reescrita dos textos assim estabelecidos pelo os PCNS.

## **Concepção de língua dos estruturalistas/ sociolinguística e o ensino de língua materna**

Os estudos sociolinguísticos preocupam-se em estudar a língua em seu contexto de uso, sendo necessário na análise linguística o envolvimento fatores extralinguísticos que dão suporte, ou melhor, justifica os diversos usos em uma comunidade linguística. Assim sendo, os estudos variacionista difere da concepção de língua adotada pelo estruturalismo de Saussure.

“A Língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação”(SAUSSURE, 1916.p.17). Ou seja, o método de análise da língua acontecia considerando apenas o sistema linguístico, assim, para os defensores do estruturalista os elementos linguísticos eram suficiente para explicar as mudanças linguísticas desconsiderando os aspectos externos a línguas. Os estudos linguísticos dão ênfase na dicotomia saussuriana (*langue*) e (*parole*) juntamente com a sincronia e diacronia. A língua para genebrino é denomina-se de social enquanto que a fala se enquadra no eixo individual, porém considerava a língua social, mas não considerava os elementos externos a sistema linguístico, daí surge o paradoxo de Saussure e que na atualidade é bastante discutido.

O paradoxo sobre a língua pode ser observado no seguinte trecho: “Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade (SAUSSURE, 1916.p.22), ora se ela não pode criar e nem modificar sua estrutura em se mesma, ou seja, precisa do envolvimento dos membros na comunidade porque não considerar em sua analise fatores que contribui para as variações e mudanças linguísticas já que fala nesse contrato permeia a comunidade linguística.

Em decorrência do paradoxo de Saussure no surgimento da linguística como ciência que vários teóricos questionaram a concepção de língua adotada por ele. Assim, uma nova corrente da linguística surgiu em meado da década de 60 com os estudos desenvolvidos por William Labov dentre os outros, mas especificamente Labov por se sobressair com pesquisa que tinha como objetivo mostrar as variações relevantes em Nova York e na Ilha de Martha's Vineyard correlacionando com os condicionadores linguísticos. Em 1972 William Lobov marca o surgimento da sociolinguística com as pesquisas realizada nas regiões supracitadas.

Com uma abordagem variacionista, estudos nessa perspectiva têm surgido principalmente os realizado por Bortoni-Ricardo(2006). A sociolinguística brasileira busca em suas produções enfatizar ou relacionar as variações com o ensino de língua materna, ainda pouco desenvolvida nas escolas brasileiras por parte dos docentes de Letras de Português. A preocupação de Bortoni pode ser evidenciada entre outros, no seguinte fragmento: “é o papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos” (BORTONI, 2004.p. 74). Ou seja, a criança ao chegar à escola, o professor não vai ensinar ela falar português, mas orientá-la ao melhor desempenho dos recursos linguísticos em diferentes contextos de uso da língua.

### **Aquisição ortográfica e suas implicações na escrita**

Diante da análise feita, observamos a aquisição da escrita em produção espontânea realizada no 6º e 7º “Ano” do ensino Fundamental. A aquisição da linguagem é uma tarefa complexa em virtude da própria natureza do sistema das línguas. Toda língua é um sistema constituído de diferentes unidades – fonemas, sílabas, morfemas, palavras, frases - cujo funcionamento é governado por regras e/ou restrições (MARTZENAUER , 2002). É exatamente para tentar descrever e aplicar um ensino de ortografia com qualidade, que se tem formulado diferentes teorias, para melhor detalhar o funcionamento das regras fonológicas, quando se pretende obter um ensino-aprendizagem eficaz. De modo a oferecer subsídios para o bom desenvolvimento da aquisição da ortografia da língua materna em estágio de eternização desta pelas crianças, nas primeiros anos de ensino.

A cada teoria que surge procura-se explicar da melhor forma o funcionamento da aquisição fonológica, mas, para fazer funcionar essa aquisição se faz necessário que se conheçam as regras e todas as peculiaridades que a fonologia exige. De acordo com Gak(Apud MOREIRA E PANTECORVO, 1996, p. 97), “a criança ao ingressar no estágio alfabético tende a preservar o sistema gráfico da língua, embora infrinja, ordinariamente, o sistema ortográfico”, ou seja, crianças que estão expostas, nos diferentes contextos sociais, a diferentes práticas de letramento e possuem um grande ou pequeno contato com materiais escritos, tendem a ter grande dificuldade para grafar as palavras.

Morais (2000) ressalta que os textos produzidos dentro do ambiente escolar são semelhantes aos produzidos fora dele. O autor reforça, ainda, a forma metodológica abordada pelo professor para com o aluno, com relação à escrita correta, porém não incentiva o aluno a refletir sobre as dificuldades ortográficas que apresenta; chamar a atenção do aluno para a compreensão do erro em relação à melhoria de seu aprendizado é uma das formas de facilitar a consolidação da escrita das palavras. Porque uma vez que a criança tem acesso à escrita de sons produzidos na fala e escritos na forma

ortográfica à criança tende a apresentar dificuldades no início da aquisição da língua materna. E é neste momento em que se dá o início da aquisição, as crianças ao ingressarem no estágio inicial de aprendizagem e deparam-se com palavras as quais se denominam de regulares e irregulares, estas, cujo, entendimento dificulta o aperfeiçoamento da escrita da criança. Ponto este que é prioridade do corpo docente elaborar métodos que facilite o acesso destas palavras no seu processo de consolidação da grafia.

Para o bom rendimento escolar do aluno é essencial que ele tenha um bom contato com a leitura, isto é, no momento em que pratica a leitura depara-se com palavras regulares e irregulares, palavras que ele pode até grafar corretamente, mas, se o professor trabalha com a criança durante essa aquisição, certamente o conhecimento da grafia e consolidação das regras ortográficas facilitará à criança uma melhor compreensão da língua. Com isso fica claro que não se aprende passivamente por osmose. Há várias formas de trabalhar com a criança no processo de aquisição, pois, é de suma importância que o professor ofereça subsídios que facilite de forma explicativa como se dá esse processo, métodos como: releitura de textos, ditados, levantamento de dúvidas que partam do aluno, contribuem de maneira sábia para o bom rendimento do grau de aprendizagem da criança. Desta forma, poder-se-á ter uma noção mais produtiva do trabalho realizado.

É responsabilidade da escola apresentar bons métodos para o ensino da ortografia, pois, é comum encontrarmos dificuldades de escrita na grafia de crianças ingressadas nas primeiras séries de ensino fundamental. Analisando o trabalho desenvolvido por Zorzi(1998) encontramos verdadeiros erros, os quais realmente interferem de maneira catastrófica no ensino-aprendizagem da ortografia.

Zorzi (1998) faz uma seleção de regras para enquadrar os erros, vistos por ele como obstáculo-conflito a ser superado, pois é responsabilidade do professor dar assistência ao aluno para um bom entendimento da grafia das palavras. Explicando as categorias que envolvem cada erro encontrado em sua amostra. E baseados nestas categorias as quais selecionamos apenas aquelas em que o aluno apresentou dificuldades elencamos os erros encontrados no material analisado.

### **Procedimentos metodológicos**

A metodologia do trabalho desenvolveu-se mediante a análise do livro didática, do planejamento do 6º e 7º “Ano” do Ensino Fundamental, além de uma entrevista feita com a docente da disciplina de Letras Português. Visto que nas produções espontâneas o foco de ensino está sobre a ortografia, ou seja, os alunos encontram dificuldades na grafia de determinadas palavras. Ao correlacionar todos os materiais selecionados foram possíveis perceber a deficiência no ensino de língua materna na perspectiva de relacionar oralidade e escrita. Assim, por o ensino está pautado na ortografia, utilizamos as categorias de Zorzi(1998), tais como: erros decorrentes da possibilidade de representações múltiplas, alterações ortográficas decorrentes de apoio na oralidade, omissão de letras e generalização de regras.

#### **1. Erros decorrentes da possibilidade de representações múltiplas.**

O sistema de escrita da língua portuguesa, assim como todos os demais sistemas de escrita alfabética, apresenta como característica básica, uma correspondência entre sons e letras. Algumas destas correspondências são consideradas como biunívocas, ou seja, há um determinado som corresponde uma determinada letra. Tomemos como exemplo o som ou fonema /p/, que é grafado unicamente com a letra P. Por outro lado, podemos encontrar casos em que um mesmo som pode representar diversas grafemas, as representações múltiplas. O fonema /s/ é um bom exemplo, uma vez que pode ser representado por uma diversidade de letras com som s, ss, ç, c, z e outros.

O quadro 1.1, mostra com mais detalhes as dificuldades do sujeito para representar o fonema /s/, sem que fizéssemos menção ao contexto em que estavam inseridos.

Série/6º ano	Grafema	Grafia do aluno	Grafia correta	Série/7º ano	Grafema	Grafia do aluno	Grafia correta
	S/Z	amoroza	Amorosa		S/Z	Cheiroza	cheirosa

## 2. Alterações ortográficas decorrentes de apoio na oralidade.

A correspondência entre letra e som implica uma relação em que letras transformam-se em sons, há desta forma, cuja escrita praticamente se efetua do modo como são faladas, não havendo uma discrepância entre a forma de falar e a forma de escrever. Tomemos como exemplo a palavra *bola*. Dizemos *bola* e também escrevemos *bola*. Agora usaremos a palavra *menino*, ouvimos a criança dizer “*minino*” e também escrever “*mininu*”. Isso ocorre porque a criança faz uso da tonicidade da sílaba que sucede.

O quadro 2.1, apresenta as palavras escrita pelo aluno com relação ao apoio na oralidade:

Série/7º ano	Grafema	Grafia do aluno	Grafia correta
	L/U	voutou	voltou

Esse tipo de ocorrência existe pelo fato da criança ter pouca familiaridade com as convenções da língua escrita.

## 3. Omissão de letras

Para esta regra foram selecionadas palavras grafadas incompletas, em função da omissão de uma ou mais letras. Nesta categoria o sujeito apresenta certas dificuldades com relação às letras que formam completamente a palavra.

O quadro 3.1 exemplifica a regra adotada para a análise deste estudo:

Série/6º ano	Grafia do aluno	Grafia correta	Série/7º ano	Grafia do aluno	Grafia correta
	Exite	Existem		apena	Apenas

	Daçar	Dançar		sufamos	Surfamos
--	-------	--------	--	---------	----------

O aluno no início de aquisição da escrita tende a apoiar-se na oralidade ao grafar as palavras.

#### 4. Generalização de regras

Para esta regra foram classificadas formas de grafar palavras que parecem reveladoras do modo como às crianças generalizam os procedimentos de escrita, em função disso, o aluno aplica tais regras em situações nem sempre apropriadas. Essa regra denota que a criança ao fazer essa generalização não está dando conta desta supergeneralização, aplicando em outro contexto uma regra inadequada. Por exemplo: *M*, *N*, ouve momentos que o sujeito utilizou estes grafemas para marca nasalização e uso entre consoantes apresentando não saber distinguir sua regra de uso para *M* antes de *P* e *B*, além também da confusão entre *L* e *U*.

O quadro 4.1 exemplifica algumas palavras que foram observadas nas produções da criança:

	Grafema	Grafia do aluno	Grafia correta		Grafema	Grafia do aluno	Grafia correta
Série/ 6º ano	N/M	comta	conta	Série/ 7º ano	O/U	Morreo	Morreu
					N/M	Min	Mim
					N/M	Estanpada	Estampada
					L/U	Voutou	Voltou

Nos erros que se insere na categoria “Generalização de regras” os alunos demonstraram que grafia existe regras apenas não sabe distinguir uma da outra.

#### Considerações Finais

A pesquisa nas produções textuais espontânea dos alunos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental possibilitou-nos atestar as evoluções e apropriações do sistema ortográfico. A análise permitiu perceber que os erros agrupados nas categorias de Zorzi (1998) percorrem todas as fases de aquisição da escrita.

Assim, são necessário estudos de intervenção na sala de aula no que diz respeito a escrita, ou seja, corroborando com Moraes (2003) as normas ortográficas por serem convenções estabelecidas em sociedade, às crianças precisam de ajuda para descobrir as diversas normas existentes na ortografia. Na escrita há caso que o sistema

ortográfico não explica e termina causando uma generalização no conhecimento dos alunos.

Por outro lado, este estudo mostrou-nos que, para a aquisição da língua escrita e, em especial, para a apropriação da ortografia, é necessário um período de tempo. Este período não é igual para assimilação de todas as normas nem tão pouco para todas as crianças, ou seja, não se pode padronizá-lo, mesmo porque a aquisição da língua escrita é um processo evolutivo, cujas etapas de desenvolvimento da aprendizagem devem ser respeitadas.

### **Referências Bibliográficas**

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita*. (IN.: GORSK, Edair; COELHO, Izete Lehm Kuhl. *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: UFSC, 2006, págs. 267-276).

MORAIS, Artur Gomes de (org). *O aprendizado de ortografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MORAIS, Artur Gomes de. *Ortografia: ensinar e aprender*. 4. Ed. 9. Imp. São Paulo: Ática, 2000.

REGO, L. L. B.; BUARQUE, L. L. *Consciência sintática, consciência fonológica e aquisição de regras ortográficas*. *Psicologia: reflexão e crítica*, V. 10, n. 2. Porto Alegre, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

ZORZI, Jaime Luiz. *Aprender a escrever: a aprovação do sistema ortográfico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

